



## **Escola Bíblica Dominical**

### **LIÇÃO 27**

#### **A entrada triunfal em Jerusalém<sup>i</sup>**

#### **Texto-base: Mt 21.1-17**

A entrada Triunfal de Jesus em Jerusalém dá início à semana da Paixão de Cristo. É o conhecido “Domingo de Ramos”. Jesus entra em Jerusalém exatamente na semana mais movimentada do povo Judeu: por ocasião da celebração da Páscoa e da festa dos Pães Asmos, eles vinham de todas as cidades para oferecerem sacrifícios e serem aspergidos com o sangue do animal sacrificado. Essas festividades se prolongavam por sete dias.

Neste estágio do Seu ministério, os oponentes de Jesus consideravam tudo o que Ele fazia repulsivo ou sinistro. As primeiras duas cenas de Mateus, capítulo 21, não são do tipo que provariam ser exceções!

Na primeira cena (21:1-11), Jesus foi aclamado por milhares de pessoas enquanto Ele Se aproximava da cidade santa, Jerusalém. A estrada militar romana de Jerico a Jerusalém passava perto da vila de Betfagé (um nome que significa “casa de figos”, lembrando o leitor das muitas árvores de figos na área e preparando o palco para 21:18,19). A aldeia situava-se no declive ao sudeste do Monte das Oliveiras de maneira que a rota de Jesus O levaria por sobre o alto do monte e desceria pelo declive oeste.

Aquela descida Lhe proporcionaria uma visão espetacular da cidade, levantando às alturas do próximo monte, um pouco menor, o monte de Sião; mas iria da mesma forma capacitar os sentinelas da cidade para detectarem Sua aproximação. Era tão grande o entusiasmo por Jesus que as multidões correram para fora da cidade para encontrá-lo, juntando-se aos numerosos peregrinos que enchiam toda a estrada ao redor de Jesus (ver João 12:12). O grau de exaltação de um grande festival religioso ficou ainda mais elevado pela presença de Jesus.

É importante notar que Jesus providenciou a jumenta que Ele estava para montar. Isso não foi para manipular as multidões - como um político mesquinho fazendo arranjos para o seu próprio carro alegórico promocional. O louvor teria irrompido de qualquer forma. Mas uma montaria numa jumenta, por ter sido planejada pelo próprio Jesus, deve significar algo. De fato, ela foi uma parábola encenada, um ato simbólico de auto-revelação para aqueles que

tinham olhos para ver - ou para aqueles que, após a ressurreição de Jesus, seriam capazes de reunir melhor os detalhes do que quando eles viram pela primeira vez a cena um tanto surpreendente.

O que então Jesus intencionava transmitir com Sua ação? Com certeza a escolha de uma jumenta foi bastante notável. Os cavalos são frequentemente associados com guerra no Velho Testamento, mas a jumenta, um animal de carga comparativamente modesto, era às vezes montado por soberanos em tempos de paz (Ver Juízes 5:10; 1 Reis 1:33; contraste com Apocalipse 19:11). Além disso, os judeus dos dias de Jesus entendiam que Zacarias 9:9 (citado em Mateus 21:5) referia-se ao Messias, o Rei prometido. Então, Jesus estava sinalizando gentilmente que Ele estava cumprindo as Escrituras, que Ele era o Rei prometido - mas Ele fez isso com um ato que O faria Se aproximar em paz e gentileza, como também docilidade, e não com a justiça severa e a vingança que muitos judeus esperavam que o Messias manifestasse.

Julgando pela resposta fervorosa das multidões, parte do simbolismo, pelo menos, não foi em vão. Eles aclamaram Jesus como o “Filho de Davi”, aquele que vem no nome do Senhor. Tão grande foi a comoção que a cidade zuniu com a pergunta: “Quem é este?” - uma pergunta que neste contexto não estava pedindo por mera identificação mas por algo mais. Queria alguma explicação. Alguns O identificaram como “o profeta de Nazaré” (21:11). Acaso esperavam também que Ele fosse o profeta prometido por Moisés em Deuteronômio 18:15-18?

Multidões, é claro, são notoriamente volúveis e naquele momento tal percepção como eles mostraram possuir era provavelmente uma mistura de esperança entusiástica, popularidade, piedade e deleite. Mas ainda estava sem reflexão, sem nenhum sinal de entendimento profundo do propósito e da missão de Jesus.

A próxima ação de Jesus relatada por Mateus é a purificação do templo (Mateus 21:12,13). Devido o dinheiro pago aos cofres do templo ter que ser em cunhagem do templo, havia uma demanda considerável pelos serviços dos cambistas. Além disso, os peregrinos que vinham de longe preferiam comprar seus animais para os sacrifícios uma vez terem chegado à cidade, ao invés de trazê-los com eles de Roma, de Éfeso ou de Alexandria. Nas três grandes festas anuais, milhares de judeus cujos lares estavam fora da Palestina caminhavam em grande número para Jerusalém, proporcionando um mercado para aqueles que vendiam animais. Mas o que poderia ter sido um serviço discreto degenerou em comércio. As áreas do templo assemelhavam-se a um mercado mais do que a uma casa de oração (ver Isaías 56:7). Jesus então entrou em ação decisiva.

Pode ter havido uma outra dimensão à repreensão de Jesus. As palavras “covil de salteadores” são encontradas em Jeremias 7:11, que adverte da futilidade da reverência supersticiosa pelo templo, especialmente quando tal reverência está misturada com a maldade. Além disso, a palavra traduzida “salteadores” significa mais provavelmente “rebelde nacionalista” ou “guerrilheiro”. Assim Jesus também os estava acusando de terem tornado o que deveria ter sido uma “casa de oração” numa espécie de “fortaleza nacionalista”. Questões de raça, patriotismo e tradição tornaram-se mais importantes que a espiritualidade, a oração e a adoração ao Deus vivo.

Nesta ação de purificar o templo, Jesus demonstrou aqui Seu poder miraculoso de cura (Mateus 21:14). Enquanto a maioria das autoridades judaicas proibia qualquer pessoa manca, cega, ou surda de oferecer sacrifícios no templo, Jesus Se defrontava com uma cadeia de decisões contrárias, à medida que Ele curava todos os que vinham a Ele.

Era demais para os chefes dos sacerdotes e para os anciãos da lei. Foi precisamente quando eles viram “as maravilhas que Jesus fazia” (21:15) e que mesmo as crianças O adoravam que eles não conseguiram mais suportar. Talvez eles tivessem sido motivados em parte pelo ciúme, em parte pela preocupação de que a reação da multidão não se torna tão exuberante com receio de que ela trouxesse para baixo a ira dos regentes romanos, e em parte pelo embaraço e pela perda financeira que Sua atividade estava provocando. Seja qual for a razão, eles fizeram uma pergunta a Jesus com o propósito de forçá-lo a dizer às crianças que ficassem quietas.

A resposta de Jesus foi genial. Ele começou fazendo Sua própria pergunta - vocês nunca leram? - sugerindo que os peritos eram mais ignorantes do que eles percebiam! A passagem citada é de Salmo 8:2: “Da boca de pequeninos e crianças de peito suscitaste força”. Essa é uma resposta maravilhosa pois ela realiza três coisas simultaneamente.

Primeira, ela provê uma base bíblica para justificar a recusa de Jesus a silenciar as crianças. Isto é algo que o próprio Deus havia ordenado! Segunda, e mais importante, Jesus estava dizendo de forma implícita algo muito importante sobre Si mesmo, ainda que ninguém tenha comentado o fato naquela ocasião (até onde nós sabemos). A passagem de Salmo 8:2 visiona louvor direcionado a Deus; mas as crianças estavam direcionando sua oração ao Messias, o Filho de Davi. O uso deste texto do Velho Testamento por Jesus para justificar o que as crianças estavam fazendo, só pode ser explicador Ele acreditasse que deveria receber o louvor dado a Deus. E a terceira coisa: a citação lembra o leitor mais uma vez que são os humildes - as crianças - que percebem as verdades espirituais e a realidade espiritual, enquanto que as pessoas sofisticadas muito frequentemente gastam suas energias tentando eliminá-las ou combatendo-as (veja Mateus 18:1-5; 19:13-15).

---

<sup>i</sup> Esta lição corresponde à primeira parte do capítulo 10 do livro **Deus conosco**, de D. A. Carson (Editora PES).